

## As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores

*Érica Jaqueline Soares Pinto* \*

*Maria Eulina Pessoa de Carvalho* \*\*

*Glória Rabay* \*\*\*

### Resumo

Na educação superior o gendramento do conhecimento se expressa na concentração de mulheres nas ciências humanas, sociais e da saúde; e dos homens nas ciências exatas, naturais e tecnológicas. Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado, que objetivou analisar se e como as relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio. Para tanto, utilizou uma abordagem quanti-qualitativa, através da aplicação de 456 questionários e realização de 20 entrevistas, abrangendo estudantes do 3º ano dos três turnos de uma escola pública de João Pessoa/PB, em 2012. A análise evidenciou que o gendramento das matérias escolares, áreas do conhecimento e cursos superiores persiste nas escolhas dos/as jovens, ainda que sejam notadas algumas mudanças. Constatou-se que preconceitos de gênero estão presentes na cultura e relações escolares, dificultando a desconstrução das dicotomias de gênero nas ocupações/profissões.

**Palavras-chave:** Gênero. Ensino médio. Escolhas de cursos superiores.

\* Pedagoga pela Universidade da Paraíba/UFPB. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE/UFPB e doutoranda do PPGE/UFPB. E-mail: ericajsp@gmail.com

\*\* Professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Doutora em Educação. Bolsista de Produtividade CNPq. Integrante do PPGE/UFPB e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero/ NIPAM/UFPB. E-mail: mepcarv@terra.com.br

\*\*\* Professora do Departamento de Comunicação do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero/NIPAM/UFPB. E-mail: gloria.rabay@gmail.com

## Gender relations in higher education choices

## As Relaciones de Género en las Elecciones de Carreras Universitarias

### **Abstract**

In higher education, the gendering of knowledge is evident in the concentration of women in the human, social and health sciences, and of men in the exact and natural sciences, engineering and technology. This study presents the results of a master's study, which aimed to analyze whether and how gender relations determine high school students' higher education career choices. A quantitative-qualitative approach was used, through the application of 456 questionnaires and 20 interviews with junior students of a public high school in João Pessoa/PB, in 2012. The analysis showed that the gendering of school subjects, fields of knowledge and higher education persists in the choices of young people, although some changes are noticed. Gender biases are present in school relations and culture, making it difficult to deconstruct gender dichotomies in occupations/professions.

**Keywords:** Gender. High School. Higher Education Choices.

### **Resumen**

En la educación superior, el gendramiento del conocimiento se expresa en la concentración de mujeres en las ciencias humanas, sociales y de la salud; y de los hombres en las ciencias exactas, naturales y tecnológicas. Este estudio presenta resultados de una investigación de máster, que tuvo como objetivo analizar si y como las relaciones de género condicionan las elecciones de carreras universitarias de estudiantes de bachillerato. Para ello, se utilizó un enfoque cuanti-cualitativo, a través de la aplicación de 456 cuestionarios y realización de 20 entrevistas, abarcando estudiantes de 2º año de bachillerato en los turnos de mañana, tarde y noche de una escuela pública de João Pessoa (Paraíba), en 2012. El análisis mostró que el gendramiento de las materias escolares, áreas de conocimiento y carreras universitarias persiste en las elecciones de los/as jóvenes, aunque sean notados algunos cambios. Se constató que los prejuicios de género están presentes en la cultura y relaciones escolares, dificultando la deconstrucción de las dicotomías de género en las ocupaciones/profesionales.

**Palabras clave:** Género. Bachillerato. Elección de carreras universitarias.

## 1 Introdução

No Brasil, na educação superior, as estudantes mulheres têm mais sucesso do que os homens: em 2013, totalizavam 56,1% dos ingressos (todas as formas), 57,2% das matrículas e 60,6% das conclusões nos cursos de graduação em 2013. Todavia, estão concentradas em áreas de conhecimento distintas dos homens: elas em cursos das Ciências Humanas, Sociais, Educação e Saúde, eles em cursos das Ciências Exatas e Tecnologias (INEP, 2015).

As relações de gênero ainda limitam as opções de formação profissional de ambos os sexos. Partindo do pressuposto de que a naturalização das relações sociais, neste caso de sexo e gênero, leva as mulheres a procurarem carreiras ligadas ao cuidado, e os homens a procurarem carreiras tecnológicas e científicas, buscou-se analisar o condicionamento de gênero nas perspectivas de cursos superiores de estudantes do ensino médio.

Refletir sobre a segmentação e desigualdade por sexo no processo de escolha de curso superior implicam compreender o contexto cultural – androcêntrico e heteronormativo – em que estamos inseridos/as, as influências da socialização de gênero na construção de projetos de vida e trabalho e as maneiras como se naturalizam as diferenças sociais, já que mulheres e homens ainda são educados de forma diferente desde o nascimento em função do sexo biológico. E parte decisiva dessa educação dá-se na escola.

A questão sobre como as relações de gênero interferem nas escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio parte do entendimento teórico de que gênero é “o conjunto de normas, valores, conceitos e práticas através das quais as diferenças biológicas entre homens e mulheres são cultural e simbolicamente significadas” (CRUZ, 2012, p. 236). Assim, gênero é compreendido tanto como categoria teórica, quanto como instrumento de análise que permite evidenciar como as práticas sociais constroem os atributos de masculinidade e feminilidade com base no binarismo sexual.

A pesquisa de mestrado<sup>1</sup> que embasa este texto foi realizada através das abordagens quantitativa e qualitativa

no ano de 2012 em uma escola pública de ensino médio de referência do estado da Paraíba. Na primeira etapa, que consistiu na aplicação de questionário, participaram 456 estudantes do terceiro ano dos turnos da manhã, tarde e noite, sendo 175 homens e 281 mulheres. O questionário foi composto por dois tipos de perguntas: as fechadas sobre o sexo, “raça”/etnia, idade, estado civil, escolaridade do pai e da mãe, renda familiar mensal, interesse de continuidade de estudos no ensino superior, motivos da escolha de curso superior, dentre outras; e as abertas sobre matéria que o/a estudante mais gosta ou tem facilidade e que menos gosta ou tem mais dificuldade e a opinião sobre seus/suas professores/as, se o/a estudante já vivenciou situações de preconceito e/ou discriminação na escola contra mulheres ou homens, dentre outras. A sistematização para análise dos dados foi feita por meio do programa Excel com a elaboração de tabelas.

Na segunda etapa, que consistiu na realização de entrevistas, participaram mais 20 estudantes também dos três turnos do terceiro ano, sendo 9 homens e 11 mulheres, identificados/as por nomes fictícios. O roteiro de entrevista abordava questões sobre continuidade de estudos na Educação Superior, o curso escolhido, motivações e/ou dificuldades de escolha, a opinião da família e dos pares, a opinião sobre o gendramento dos cursos superiores e ocupações/profissões e as expectativas pessoais e profissionais no horizonte de 10 anos. As entrevistas foram gravadas e transcritas, organizadas em relatos biográficos de acordo com os aspectos abordados, focalizando a experiência particular dos/as estudantes, visando posterior análise.

A escolha de sujeitos da terceira série do ensino médio deu-se por se acreditar que as questões de continuidade de estudo são mais evidentes, já que ao final desta série eles/as fazem a opção de continuar os estudos na educação superior e/ou ingressar diretamente no mercado de trabalho. Todos/as os/as estudantes participaram de pesquisa por livre adesão e assinaram o TCLE.

A relevância desta problemática decorre do fato de que há poucas produções científicas nacionais na área de educação que articulem ensino médio e educação superior e, ademais, que adotem a análise de gênero

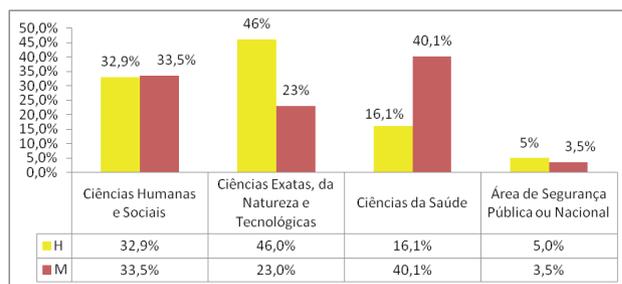
nas escolhas de curso superior de estudantes. Em uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES<sup>2</sup>) encontraram-se em mais de duas décadas (1987-2012) apenas nove trabalhos (DOTTI, 1994; FAGUNDES, 2001; FREITAS, 2002; CARVALHO, 2003; VIEIRA, 2003; PAULA, 2004; SOBRAL 2005; ALVES, 2006; PINCINATO, 2007). Desta forma, é importante discutir a problemática da reprodução da divisão de sexo e gênero do conhecimento e do trabalho na escola a fim de disseminá-la entre estudantes, professores/as, pesquisadores/as e estimular o interesse por novas investigações.

## 2. As escolhas de cursos superiores das e dos estudantes do ensino médio

Através da análise intra-sexo (entre as alunas; entre os alunos) dos 456 questionários, os cursos apontados pelos/as participantes da pesquisa foram separados em quatro grandes áreas<sup>3</sup>: Ciências Humanas e Sociais; Ciências Exatas, Naturais e Tecnologias; Ciências da Saúde e Segurança Pública ou Nacional, conforme o gráfico 1. Foi possível perceber que os homens se direcionaram preferencialmente para as carreiras na área das Ciências Exatas, Naturais e Tecnologias, correspondendo a 46% de suas escolhas, em contraste com 23% das mulheres. Elas buscaram mais cursos das Ciências da Saúde, correspondendo a 40,1%, em contraste com 16,1% dos homens. Na área de Ciências Humanas e Sociais observou-se paridade de sexo nas escolhas: 33,5% das mulheres e 32,9% dos homens optaram por cursos nesta área. Da mesma forma, na área de Segurança Pública ou Nacional também houve paridade de sexo, com 3,5% das mulheres e 5% dos homens fazendo essa opção.

A preferência dos homens por cursos das Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas, e das mulheres por cursos das Ciências da Saúde, não é novidade como demonstram algumas pesquisas (CARVALHO e RABAY, 2013; CRUZ, 2012) acerca do gendramento por área do conhecimento, realizadas no nordeste brasileiro.

**Gráfico 1:** Distribuição de estudantes por sexo e área do conhecimento (nº 456)



Fonte: Questionário/2012.

Analisando as escolhas de cursos por área do conhecimento, verifica-se que mesmo nas Ciências Humanas e Sociais, onde se observou paridade de sexo, houve distinções. Dentre os cursos mais escolhidos pelos alunos estão os de Direito, Administração, Psicologia e Jornalismo. Já entre as alunas, os cursos mais escolhidos foram Direito, Psicologia, Jornalismo e Administração. A grande proporção de mulheres, 27,9%, que escolheu Direito, chegando próximo à paridade com os homens, ratifica os achados de Carvalho e Rabay (2013), segundo as quais este curso vem se feminilizando desde a década de 1970 na Universidade Federal da Paraíba.

Já por Pedagogia não houve nenhuma escolha masculina e apenas um homem optou por Serviço Social. A maior representatividade feminina em Pedagogia (4,7%), Serviço Social (7%) e Psicologia (18,6%) confirma os dados de Yannoulas (2013, p.49) sobre o direcionamento das mulheres para as profissões com “forte conotação moralista e higienista”, consideradas semiprofissões ou profissões subalternas. Na declaração de Paula isso fica evidente ao reconhecer que a profissão escolhida de psicóloga não lhe trará bom rendimento financeiro: “Gosto de agir com o humano, ajudar o próximo. Depois que eu exercer esta profissão eu vou ganhar muito pouco, mas eu vou querer conversar, ajudar” (PAULA – Psicologia). Com efeito, as habilidades de ajuda ou serviços pessoais, são socialmente aprendidas mais entre as mulheres, pois futuramente elas “precisarão” ser boas mães, boas esposas e boas donas de casa, o que pode explicar porque são elas as que mais escolhem esses cursos.

Contudo, chama a atenção o interesse dos homens pelo curso de Psicologia, 13,2%, que contraria os estudos de Queiroz (2001). Destaca-se o depoimento de Eduardo: “Eu pretendo futuramente ser psicólogo bem sucedido em ajudar pessoas, com uma boa carreira” (EDUARDO – Psicologia). Profissões ligadas ao “cuidado” também podem ser atraentes para os homens, sobretudo se tiverem conotação intelectual, embora a pesquisa tenha mostrado que são as mulheres que mais o enfatizam, como veremos adiante.

A divisão sexual do trabalho explica o maior número de alunas que escolheram a área de Ciências da Saúde, muito superior ao número de homens: 40,1% (103) para 16,1% (26), respectivamente. Os cursos mais escolhidos entre os alunos foram: Educação Física e Medicina. Já as alunas escolheram principalmente: Fisioterapia, Medicina e Nutrição. Os cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição, menos prestigiados do que Medicina, tiveram interesse majoritariamente feminino. Nenhum aluno escolheu Enfermagem. A elevada presença feminina nessas carreiras não é uma surpresa, pois tais profissões estão associadas à tarefa de cuidado “tradicionalmente exercida pelas mulheres, como a maternagem e o ocupar-se dos demais dentro do mundo doméstico” (QUEIROZ, 2001, p. 185). É o que parece evidenciar Mirela:

Porque em todo lugar tem que ter um nutricionista, pelo menos pra cuidar das pessoas de modo que precisam, para tratar da obesidade, que é uma coisa que tá acontecendo muito, também na parte da alimentação, para pessoas que precisam, de tempo corrido (MIRELA - Nutrição).

Destaca-se que a proporção de alunas que escolheram a prestigiosa carreira de Medicina foi bem próxima à dos homens, correspondendo a 24,3% (25), contra 26,9% (7), refutando os achados de Queiroz (2001), em que o curso de Medicina era mais procurado por homens. Por outro lado, Carvalho e Rabay (2013) constataram que o curso de Medicina vem se tornando paritário desde a década de 1970 na UFPB.

Apesar disso, Bruschini e Lombardi (1999) apontam que há subdivisões sexistas na Medicina conforme as espe-

cialidades, reproduzindo a divisão sexual do trabalho. Segundo as autoras, os homens se alocam em especialidades mais agressivas e decididas e as mulheres em especialidades que requerem paciência, persistência e delicadeza, como revela Marisa ao escolher a Pediatria:

Medicina é uma área que ajuda o próximo, que cuida. Então, eu até tava pensando se me formasse em Medicina a área que eu queria exercer seria Pediatria, crianças, eu acho que elas precisam muito de cuidados e tal (MARISA – Quer Medicina, mas fará Serviço Social).

Esteves (1993) também evidencia que as representações de feminilidade e masculinidade levam as mulheres a se especializarem dentro da Medicina em áreas assemelhadas ao seu papel no espaço privado, como a pediatria, dermatologia, ginecologia. Já os homens se especializam em áreas que precisem de intervenção rápida e direta, como a perícia médica, cirurgia em geral, cardiologia, anestesiologia. As especialidades em que há mais homens são as mais bem remuneradas e prestigiadas da medicina, conforme indica o autor.

Observou-se ainda que, dentre o número reduzido de homens que mostraram interesse por cursos das Ciências da Saúde, a maioria deles destinou-se ao curso de Educação Física, correspondendo a 53,8%, contra 4,2% de escolhas femininas. A procura de rapazes pelo curso de educação física pode estar associada ao esporte e à competição, que expressam valores masculinos.

A imagem historicamente masculinizada do esporte ainda pode afastar as mulheres da prática esportiva e do curso de Educação Física. Embora essa perspectiva venha mudando e mais mulheres estejam se preocupando com a saúde física (impulsionadas pela “ditadura da beleza”, que impõe o corpo magro), ainda há um gendramento conforme as especialidades deste campo, marcado pela naturalização da fragilidade feminina, como aponta Túlio:

Existem alguns cursos que eles são mais braçais e exigem mais a força, assim, é a minha opinião de leigo, que algumas mulheres não têm a mesma força que o homem tem, força externa.

E existem cursos que exigem um pouco da força, acredito que é mais pela capacidade do homem, do físico. E a mulher, em si, já é um pouco mais delicada, então eu acredito que acontece a distinção por causa disso. Mas não que a mulher seja proibida, mas é que tem uma apropriação maior pra o homem do que pra mulher (TÚLIO – Ciências da Computação).

Conforme Sousa e Altmann (1999), às meninas/mulheres, “naturalmente” mais graciosas e frágeis, compete a atuação nas danças e ginástica rítmica, por exemplo; já aos meninos/homens, “dotados” de força física e coragem, cabem os esportes mais violentos, corpo a corpo, como futebol, judô, basquete, dentre outros.

Embora se tenha encontrado menor número de mulheres interessadas na Educação Física, foi encontrado um número considerável de alunas que queriam ingressar na área de Segurança Pública ou Nacional. Houve oito alunos interessados nas carreiras de Oficial da Polícia Militar, Aeronáutica e Escola **Preparatória de Cadetes do Exército (ESPCEX) e 9 alunas interessadas no** Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar (CFO), verificando-se que as mulheres estão começando a entrar em redutos que até pouco tempo atrás eram exclusividade masculina.

Braga (2011) lembra que a história das mulheres no ambiente de guerra está profundamente associada ao cuidado: eram enfermeiras e cozinheiras que cuidavam dos combatentes. Hoje, as que ousam transgredir os papéis femininos naturalizados são vistas de forma diferente no espaço militar, além de representarem uma ameaça ao domínio masculino. Rodrigues e Santos (2013) constataram em sua pesquisa que o medo da feminização da profissão militar relega as mulheres às funções administrativas, que não dão visibilidade à presença delas, pois os atributos femininos podem passar a imagem de fraqueza e, conseqüentemente, desvalorizar a corporação militar.

De acordo com Olinto (2011), as mulheres sofrem tanto com a segregação horizontal, em ocupações/profissões mais desvalorizadas, quanto com a segregação vertical,

que impossibilita ou dificulta a ascensão feminina aos mais altos postos na carreira. A reserva das mulheres para as funções mais simples, não técnicas, não prestigiosas, não visíveis, tem base na naturalização de gênero da “incompetência técnica das mulheres” (HIRATA, 2011), como também em valores androcêntricos e patriarcais que impõem a submissão e obediência das mulheres também no mercado de trabalho. Além disso, na etapa anterior da formação, segundo Cooper e Eddy et al (2010) o “clima frio” dos cursos dominados por homens faz com que as mulheres resistam a entrar nesses campos ocupacionais/profissionais.

Estes fatores podem explicar a baixa procura de mulheres pelos cursos das Ciências Exatas, Naturais e Tecnologias, por exemplo, área em que houve maior concentração masculina na escola de ensino médio pesquisada. Esse resultado não é diferente da realidade nacional e internacional, como indicam o Censo da Educação Superior (INEP, 2015) e Cooper e Eddy et al (2010).

As escolhas masculinas destinaram-se principalmente aos cursos de Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Ciências Biológicas e Engenharia Química. Já as alunas interessaram-se especialmente pelos cursos de Arquitetura, Ciências Biológicas, Engenharia Civil e Engenharia Química. Cursos como Engenharia do Petróleo, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Matemática, Redes de Computação e Telecomunicações foram escolhas exclusivamente masculinas, enquanto que Design de Moda, Design de Interiores, Engenharia de Alimentos e Engenharia de Produção foram escolhas unicamente femininas. Estes dois últimos são as Engenharias mais procuradas pelas mulheres, junto com a Ambiental, como se verá adiante.

Ao somarmos as porcentagens de estudantes que citaram as Engenharias como escolha de curso superior vê-se que a proporção feminina não foi pequena, 40,7%, apesar de ser bem menor que a masculina, 64,9%. Como dito anteriormente, as mulheres estão ocupando lugares de predominância masculina, no entanto, no campo das engenharias ainda existe segregação por sexo nas diferentes especialidades (BRUSCHINI e LOMBARDI, 1999).

Carvalho e Rabay (2013) encontraram maior inclusão das mulheres na Engenharia Civil, em comparação a Engenharia Mecânica e Elétrica. Também constatamos que a Engenharia preferida das alunas do nosso estudo foi a Civil – 9 escolhas (15,3%), aproximando-se das escolhas dos rapazes: 14 (18,9%). O interesse das alunas por Engenharia Civil é interessante porque é uma das atividades mais resistentes à entrada das mulheres no mercado de trabalho, como aponta Lombardi (2006, p. 184): a presença das engenheiras no segmento de obras “ainda hoje causa certa estranheza, seja junto aos ‘peões’ ou, principalmente, junto aos colegas engenheiros”. Algumas engenharias parecem mais aceitáveis para mulheres do que outras, como considera Luíza:

Se eu chegar na minha mãe e disser que vou fazer Engenharia Mecânica ou Engenharia Civil, a primeira coisa que ela ia falar para mim era: – não, isso é curso masculino, faça outro curso (LUÍZA – Engenharia Ambiental).

Embora saibamos que não existem habilidades essenciais por sexo, as mulheres que transcendem a divisão sexual e de gênero da formação superior e do trabalho e buscam cursos tecnológicos, como as Engenharias, rompem com as expectativas sociais gendradas (BERNARDES; HOENISCH, 2003), como mostra Gabriela ao referir-se a sua escolha por Engenharia Civil. Embora não acredite na distinção entre trabalho feminino e masculino, revela que o preconceito social contra a mulher em um curso masculino requer dela maior “firmeza” para provar que é tão capaz quanto os homens:

Não importa o gênero, assim... Muitos dizem que é mais pra homem, porque é construção, se envolve muito com pedreiros, que trabalham na mão de obra, mas se você tiver um pulso firme você pode se encaixar em qualquer profissão (...). Você tem que ter certa atitude porque sendo engenheiro você tem que ter domínio sobre a obra e por você ser uma mulher eles podem até achar que você não tem esse certo domínio, então você tem que demonstrar isso (GABRIELA – Engenharia Civil).

Há no imaginário social a noção de que as mulheres precisam assumir atributos masculinos, ou seja, se masculi-

nizar para serem reconhecidas em carreiras de maior presença masculina. Lombardi (2008) ressalta que, dentre as barreiras enfrentadas pelas engenheiras no exercício da profissão, a necessidade de provar continuamente a competência profissional, para se afirmarem diante de si mesmas e diante do grande grupo de homens, mostra-se extremamente importante.

Porém o curso preferido das alunas nesta área foi o de Arquitetura. O fato de este curso estar estreitamente relacionado à decoração, às artes, à organização de objetos e ambientes (BRUSCHINI e LOMBARDI, 1999; CARVALHO e RABAY, 2013) pode explicar a demanda feminina. Seria uma espécie de alternativa para as mulheres que gostam da área tecnológica, mas que não querem adentrar o “universo masculino” das engenharias. O depoimento de Júlia parece confirmar isto: “Eu já pensei em Engenharia Civil, só que é um curso muito pesado para mim, é uma área que exige muito cálculo. Aí foi fluindo...” (JÚLIA - Quer fazer dois cursos: Arquitetura e Designer de Moda).

Algumas alunas que escolheram cursos das Ciências Exatas, Naturais e Tecnologias, citaram a baixa concorrência como justificativa de escolha. A preocupação com a concorrência, também constatada por Buschini e Lombardi (1999), indica que as mulheres não são ensinadas a competir e encarar situações de disputa, principalmente com os homens. Queiroz (2001) também observou que as mulheres, já que são socialmente menos preparadas para competir, tendem a obter menos sucesso que os homens.

### **3. A naturalização das relações sociais de sexo e gênero**

A divisão social e sexual do trabalho e as relações de gênero explicam o gendramento nas escolhas de cursos dos/as estudantes desta pesquisa. O caráter relacional e a função de cuidado marcam as escolhas de cursos das alunas, conforme os depoimentos a seguir:

Eu acho que foi por conta de começar a conhecer o universo da Administração, gosto de lidar com o público, tem que ter paciência, trabalhar mais com isso, acho que foi isso que me puxou, me atraiu (TATIANA – Administração).

Eu acho bonito cuidar da natureza, salvar o planeta, biodiversidade, por isso eu optei fazer Engenharia Ambiental (LUÍZA - Engenharia Ambiental).

Nota-se que mesmo que o curso superior não tenha um caráter aparentemente humanístico, como o de Administração e o de Engenharia Ambiental, as qualidades “femininas” são a eles atribuídas ou busca-se em tais cursos desenvolver o que foi aprendido como mais próprio para as mulheres: Tatiana enfatiza “lidar com o público”, atender pessoas e não competências organizacionais e de comando/liderança; da mesma forma, Luíza, que sobrealoriza o cuidado com a natureza e não aspectos tecnológicos da profissão. Há uma associação entre cuidado de si, cuidado do outro e cuidado ambiental. Os estereótipos de paciência, de cuidado, da escuta atenta, de sensibilidade sobressaem quando se considera o gendramento por área do conhecimento.

Ao mesmo tempo em que para as alunas as carreiras profissionais são interpretadas pelo caráter relacional e função de cuidado, para os alunos a oportunidade e o reconhecimento no mercado de trabalho parecem ser mais importantes, como explicitam os entrevistados: “Eu também junto o útil ao agradável, bem estar mesmo e o lado do mercado de trabalho” (TÚLIO – CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO); “Também trabalhando nesta área, do meio ambiente, é muito bom, é bem reconhecido, área muito boa” (SAMUEL – ENGENHARIA AMBIENTAL); “Acho que o mercado de trabalho está se expandindo nessa área” (FERNANDO – CIÊNCIAS CONTÁBEIS). Nas falas dos alunos é que sobressai a preocupação com o ingresso no mercado de trabalho e o retorno financeiro:

Gosto da área de saúde, eu tava sempre olhando alguma coisa, aí eu comecei a gostar de Nutrição, vi do que se trata, como que trabalha, aí eu comecei a gostar também, mas eu penso que é mais fácil entrar no mercado de trabalho [em Educação Física], por ser agora a Copa do Mundo e a Olimpíada (ALAN – Educação Física).

Eu sei que formado em Direito eu vou ter melhores oportunidades de emprego, porque a pessoa é mais reconhecida do que ser professor.

Aí é o que tá me deixando mais difícil ainda nessa situação. Eu tô super indeciso! Mas eu tô com a oportunidade de cursar Direito na universidade particular (MIGUEL – Dúvida entre Letras e Direito).

Também no curso de Direito o retorno financeiro, a questão financeira também me influenciou. Se caso Direito não fosse uma profissão bem remunerada, talvez eu optasse por alguma outra profissão dentro da área de humanas mesmo (RAFAEL – Direito).

Embora a estrutura familiar venha passando por mudanças, com muitas mulheres participando das despesas domésticas e outras assumindo a condição de chefe de família, a ideia de que os homens devem prover sua família e por isso precisam ganhar mais para sustentar esposa, filhos/as e a casa, pode ser um fator sociocultural que oriente as escolhas de cursos de muitos jovens. O modelo cultural de família patriarcal tanto sugere que os homens sejam os responsáveis pela produção de renda, como designa a eles o poder, enquanto que para as mulheres sobram as atividades reprodutivas e associadas à reprodução (DELPHY, 2009).

O trabalho é, desta forma, uma das esferas sociais em que mais se acentuam as concepções de masculinidade e feminilidade (SILVA, 2010) e, neste sentido, homens e mulheres buscam assumir papéis culturalmente aprendidos. Assim, um curso novo como Engenharia Ambiental pode atrair o interesse de jovens de ambos os sexos e ser associado a diversos significados de gênero: o compromisso com o cuidado ambiental (LUÍZA) ou a ambição pelo reconhecimento profissional (SAMUEL).

A divisão sexual e de gênero se expressa dentro de cada campo do conhecimento em subdivisões que mantêm a dicotomia e segregam as mulheres em atividades mal remuneradas e desprestigiadas no mercado de trabalho. De acordo com a educação sexista e gendrante presente na socialização primária (família) e secundária (através de várias instituições sociais, principalmente a escola que prepara os/as estudantes para a vida ocupacional/profissional), desde a infância as meninas são conduzidas para habilidades e comportamentos que remetem

ao cuidado do outro e da casa, ao passo que os meninos são encorajados a atividades lógicas, competitivas, técnicas, esportistas e públicas, o que leva a diferentes interesses e desigual inserção no mercado de trabalho. “Os meninos e meninas recebem educação muito diferente, embora sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros didáticos, ouvindo o mesmo professor” (SILVA; HALPERN; SILVA, 1999, p.213). Nesta dinâmica, o desempenho escolar, as oportunidades e as escolhas de carreiras superiores das alunas e alunos são genericados.

Entretanto, indagados/as sobre as expectativas para o futuro, tanto as alunas como os alunos mostram querer independência, estabilidade financeira e uma boa condição de vida: os rapazes falaram em sucesso na profissão e no mercado de trabalho, em buscar novos conhecimentos, ascender na profissão. Igualmente, as mulheres, mesmo aquelas que escolheram cursos ligados ao trabalho reprodutivo, projetaram ser bem sucedidas nas carreiras profissionais e ascender a altos postos. Tal característica também foi encontrada por Graf e Diogo (2009) em estudo sobre jovens: tanto homens quanto mulheres aspiravam ao sucesso profissional aliado à independência financeira.

A pesquisa de Cruz (2012, p. 321) também revelou que as mulheres “incorporaram o significado de trabalhar ‘fora’ e construir uma carreira profissional como sendo um valor constituinte da sua identidade”. A autora enfatiza que a “clássica divisão sexual de trabalho, se não se modificou totalmente, está no mínimo sob pressão” (p. 321). É fato que cada vez mais o número de mulheres brasileiras inseridas no mercado de trabalho remunerado está aumentando (IBGE, 2012), o que configura mudanças a favor da igualdade entre homens e mulheres, inclusive no processo de escolarização superior, em que elas são maioria (IBGE, 2015).

Porém, igualdade em números não quer dizer equidade, que garanta a essas mulheres as mesmas oportunidades, progressão e valorização profissional dos homens, considerando suas particularidades, diferenças e as barreiras impostas por uma cultura androcêntrica, patriarcal e sexista. Além disso, muitas mulheres exce-

dem a carga de trabalho dos homens ao se dedicarem aos afazeres domésticos, de cuidado com os/as filhos/as, persistindo a divisão sexual do trabalho em casa, que as sobrecarregam com a dupla jornada (IBGE, 2013; BRASIL, 2008).

Observou-se que a maioria das alunas mostrou projeções sobre a vida familiar, ainda que não tenha priorizado a constituição de família. Elas afirmaram só querer casar e ter filhos/as após conquistar a independência financeira. Com exceção de um, os alunos, ao contrário, sequer falaram sobre seus projetos de vida familiar, focalizando as perspectivas para o futuro apenas no campo profissional. Assim, é possível afirmar que, considerando que as relações de gênero expressam a articulação da produção e da reprodução, as mulheres, mesmo que vislumbrem uma carreira profissional de sucesso, ainda tendem a se preocupar com o espaço de reprodução, ao passo que os homens não.

“Em geral, a escolha de curso e carreira diz respeito à autoimagem e à percepção pessoal de que caminhos e alternativas lhes são oferecidas” (CRUZ, 2012, p. 291). Se são oferecidos caminhos gendrados, as autoimagens e as escolhas dos/as estudantes tenderão a se situar neles. Se a divisão sexual do trabalho determina o interesse das mulheres por cursos e profissões reprodutivos é porque esse sistema sexuado está objetivado nas ocupações: ele atua no prolongamento das funções domésticas de ensino, cuidado e serviços e, por outro lado, confere aos homens a autoridade e o monopólio de objetos técnicos e máquinas na esfera pública e nos postos de poder (BOURDIEU, 2011).

## **Conclusão**

Este texto apresenta alguns resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar se e como as relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio, com base no pressuposto, expresso na literatura feminista, de que as relações de gênero geram desigualdade de oportunidades, levando mulheres e homens a seguirem carreiras diferentes na educação e profissão.

Foram encontradas singelas mudanças em relação à divisão sexual por área do conhecimento: para os cursos de Medicina, Direito e Engenharia Civil, carreiras prestigiadas e de mais alta remuneração no mercado de trabalho, houve certa paridade de sexo nas escolhas, assim como para o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar (CFO), tradicionalmente masculino, e para o curso de Psicologia, tradicionalmente feminino.

No entanto, de maneira geral e expressiva, o gendramento da educação superior persiste nos interesses e escolhas dos/as estudantes. As mulheres continuam se interessando mais pelos cursos na área de Ciências da Saúde, como Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem, e na área de Ciências Sociais e Humanas, como Serviço Social e Pedagogia. Quando houve interesse delas pelos cursos tecnológicos, almejam campos já feminilizados, como Arquitetura. Já os homens se interessaram mais por Educação Física, Engenharia da Computação, Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica.

Além disso, verificou-se que a naturalização das relações de sexo e gênero confere às mulheres qualidades 'feminilizadas' que as desviam da escolha de cursos e carreiras tecnológicas e científicas. Do mesmo modo, as qualidades 'masculinizadas' encaminham os homens a seguirem estes cursos e carreiras. As relações de gênero no âmbito da escola naturalizam, sexualizam e generificam os campos de conhecimento, por isso, os interesses, as escolhas, os saberes e as práticas vão sendo generificados.

Considera-se que é preciso desconstruir estereótipos de feminilidade e masculinidade que ainda influenciam o gosto pelas matérias escolares e as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio. A escola, instituição formal de educação que prepara para o mercado de trabalho e para a cidadania, deve visar à formação integral do indivíduo e o respeito à diversidade, partindo da compreensão de que homens são diferentes entre si, assim como mulheres são diferentes entre si. Portanto, antes das mulheres entrarem em cursos superiores e no mercado de trabalho, elas precisam ser estimuladas a gostarem de áreas tecnológicas e científicas para diminuir sua segregação em profissões humanísticas, rela-

cionais e de cuidado, ainda desvalorizadas. Ao mesmo tempo, é preciso valorizar as atividades reprodutivas e de cuidado, estimulando a inclusão dos homens nelas.

Avançar na equidade de gênero requer a compreensão do seu caráter relacional e desconstrução de estereótipos que atribuem às mulheres e aos homens características derivadas da biologia. A escola precisa viabilizar espaços para reflexão de tais questões, onde todos/as os/as envolvidos/as no processo educativo possam tomar consciência da dinâmica das relações de gênero na vida social, escolar e laboral. Sensibilizar professores/as sobre a importância de desconstruir noções tais como 'homens são melhores em matemática, em física, em disciplinas lógicas e tecnológicas', e mostrar que as mulheres são tão capazes quanto os homens, é uma perspectiva importante para que mais mulheres se interessem por carreiras tecnológicas e científicas.

## Notas

1 Foi realizada mediante bolsa de estudo da primeira autora pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior/CAPEs. Integrou o projeto "Perspectivas Profissionais Discentes em Escolas de Ensino Médio" (RABAY, 2011-2012), vinculado ao Programa de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM/UFPB), um desdobramento do Projeto CNPq "Relações de Gênero na Universidade: Carreiras Docentes e Perspectivas Profissionais Discentes" (CARVALHO, 2010), que visa mostrar como as relações de gênero afetam as práticas acadêmicas de formação e produção do conhecimento na universidade vividas por docentes e discentes.

2 Fonte: <[www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses](http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses)>. Primeiro acesso em: 14 dez. 2012, em que foram capturados trabalhos realizados até 2011. Atualização de dados em: 30 abr. 2014, em que foram encontrados os trabalhos de 2012. A atualização foi feita através da "Busca Avançada" em "Todos os Campos".

3 Os cursos de Ciências Biológicas e Geografia foram inseridos na área das Ciências Exatas, Naturais e Tecnologias tomando como parâmetro a divisão de Centros da Universidade Federal da Paraíba. O curso de Medicina Veterinária, apesar de estar no Centro de Ciências Agrárias, foi situado na área de Ciências da Saúde. Estética foi compreendida como especialidade do curso de Medicina Dermatológica, portanto da área da Ciência da Saúde, já que a respondente informou que quer ingressar na educação superior.

## Referências

ALVES, F. E. **Mulheres trabalhadoras, sim**. Alunas, por que não? Estudo sobre gênero, trabalho e educação na Bahia. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.

- BERNARDES, A. G.; HOENISCH, J. C. D. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da psicologia social com os estudos culturais. In: GUARESCHI, Neuza M. F.; BRUSCHI, M. E. (Org.). **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 95-128
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAGA, É. D. Trajetórias identitárias e trabalho feminino nas unidades operacionais da polícia militar de Sergipe. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (CONLAB), 11., 2011, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307097538\\_ARQUIVO\\_CONLAB2011E-LIDABRAGA.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307097538_ARQUIVO_CONLAB2011E-LIDABRAGA.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2014.
- BRASIL. **II Plano nacional de políticas para as mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. Disponível em: <[http://bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/II\\_PNPM.pdf](http://bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/II_PNPM.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2014.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 1-2, 1999.
- CARVALHO, A. L. **Escolas técnicas de enfermagem em Juiz de Fora: a quem atender?** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2003.
- CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. **Gênero e educação superior: apontamentos sobre o tema**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- COOPER, J; EDDY, P. et al. Improving gender equity in postsecondary education. In: KLEIN, S. S. (Ed.). **Handbook for achieving gender equity through education**. New York: Routledge, 2010. p. 631-653.
- CRUZ, M. H. S. **Mapeando diferenças de gênero no ensino superior da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173-178.
- DOTTI, C. M. **Representações de mulheres professoras: incursões nos espaços público e privado**. 1994. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, 1994.
- ESTEVEZ, F. M. M. **Modernidade em questão: a inserção das mulheres na Medicina, uma profissão tradicionalmente exercida por homens**. 1993. 169 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)– Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- FAGUNDES, T. C. P. C. **Pedagogia: escolha marcada pelo gênero**. 2001. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- FREITAS, V. F. **Gênero na educação: histórias de vida de mulheres docentes**. 2002. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciência e Saúde) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- GRAF, L. P.; DIOGO, M. F. Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 1, p. 71-82, 2009.
- HIRATA, H. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. **Revista Educação & Tecnologia**, n. 6, p. 144-156, 2011.
- IBGE. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas**. 2012 (Pesquisa mensal de emprego – PME). Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp\\_2012.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2014
- \_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica Socioeconômica, 32). Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores\\_Sociais/Sintese\\_de\\_Indicadores\\_Sociais\\_2013/SIS\\_2013.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2013/SIS_2013.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: 2015/IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, 32). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- INEP. **Censo da educação superior 2013: resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/resumos-tecnicos>>. Acesso em 23 nov. 2016.
- LOMBARDI, M. R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 173-202, 2006.
- \_\_\_\_\_. Engenheira e gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. In: COSTA, A. O. et al. (Orgs). **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 387-402.
- OLINTO, G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. *Inclusão Social*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.
- PAULA, C. R. **Trajetórias de homens negros no magistério: experiências narradas**. 2004, 112 f. Dissertação (Mestrado em

Educação)– Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

PINCINATO, D. A. V. **Homens e masculinidades na cultura do magistério: uma escolha pelo possível, um lugar para brilhar** (São Paulo, 1950 - 1989). 2007. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

QUEIROZ, D. O acesso ao ensino superior: gênero e raça. **Caderno CRH**, v. 14, n. 34, p. 175-197, 2001.

RODRIGUES, M. L.; SANTOS, A. L. P. Formação de segurança pública ou nacional na polícia militar da Paraíba e violência simbólica: uma análise de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386760545\\_ARQUIVO\\_MonicaLuizRodrigues.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386760545_ARQUIVO_MonicaLuizRodrigues.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2014.

SILVA, C. A. D.; HALPERN, F. B. S. C.; SILVA, L. A. D. Meninas bem comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. **Cadernos de Pesquisa**, n. 107, p. 207-225, 1999.

SILVA, F. F. **Construção de projetos profissionais e redução da vulnerabilidade social: subsídios p/ políticas públicas de orientação profissional no ensino médio**. 2010. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOBRAL, M. P. de O. **A formação profissional - projetos e perspectivas dos atores Sociais do SENAC em Sergipe**. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2005.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

VIEIRA, A. A. **A feminização do magistério de séries iniciais da rede pública do distrito federal**. 2003. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade de Brasília, 2003.

YANNOULAS, S. C. Sobre o que nós, mulheres, fazemos. In: YANNOULAS, S. C. (Coord.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013. p. 31-65.

Recebido em 11 de fevereiro de 2017.

Aceito em 22 de março de 2017.